

Loisa  
James

VENCEDORA  
DO PRÉMIO RITA  
PARA MELHOR  
ROMANCE

A SEDUÇÃO

*de* WILDE

TOP  
SEL  
LER

*Este livro é dedicado ao meu marido, Alessandro,  
porque a mera alegria de saber que é meu sublinha  
todas as linhas felizes que escrevo.*

# Prefácio

*Castelo de Lindow, Cheshire*

*Residência de campo do duque de Lindow*

*6 de julho de 1778*

*Festejos do noivado de Lorde Roland Wilde  
e da menina Diana Belgrave*

Lorde Roland Northbridge Wilde — conhecido entre a família e os amigos como North — fora ensinado, sentado sobre os joelhos da sua precetora, que um cavalheiro se define pelas suas maneiras decentes e respeitosas em relação ao sexo feminino. Não fazia perguntas indelicadas nem exibia comportamentos grosseiros.

Mesmo, ou talvez em especial, se a senhora fosse sua noiva.

Nunca lhe ocorrera sequer que se pudesse sentir tentado a um comportamento diferente. Enquanto futuro duque, considerava indigno de si ajoelhar-se ao pedir à menina Diana Belgrave a honra da sua mão em casamento, mas envervou uma casaca que fora elogiada pelo próprio rei. O anel que lhe colocou no dedo pertencera à sua avó, a falecida duquesa de Lindow.

Inclinou-se para lhe beijar a face, registando o quanto apreciava olhos cinzento-claros orlados de azul-escuro. Sem perceber, ela virou a cabeça, e os seus lábios macios tocaram os dele.

Foi nesse momento que North compreendeu que as maneiras civilizadas não passam de um verniz fino que reveste o íntimo dos homens. Deu por si tomado de um desejo feroz de adotar comportamentos pouco cavalheirescos.

Nas semanas seguintes, teve de repetir a si próprio, muitas vezes, que um homem honrado não seduz a sua noiva. Sabia que o seu irmão mais velho, Horatius — quem, na verdade, deveria ter herdado o ducado — nunca teria sucumbido a um impulso indigno.

Provavelmente, Horatius nunca tivera, sequer, um impulso indigno.

Talvez fosse uma sorte North acabar sempre exatamente do lado oposto da sala em que se encontrava a sua noiva. A festa que o pai organizara no castelo de Lindow, em honra do seu noivado, permitia demasiadas oportunidades para beijos em recantos, ou coisas piores. Tinha a impressão de que o seu irmão Alaric abandonara toda a decência nas abordagens que fazia à menina Willa Ffynche.

Diana, contudo, nunca se aproximava dele, nem o procurava. Estava sempre a arranjar desculpas e a fugir da sala. Alaric chegara a perguntar diretamente a North se a noiva gostava dele.

Se gostava dele?

North não se questionava se as pessoas gostavam de si. Ele ia ser duque. Isso era irrelevante.

Naquele momento, porém, a pergunta incomodava-o. Não se lembrava da última vez que ouvira Diana rir, apesar de a sua gargalhada alegre ter sido o que primeiro lhe chamara a atenção. Ela não parecia uma jovem a celebrar o noivado. Não parecia uma jovem que conquistara o melhor partido no mercado matrimonial.

Parecia infelicíssima.

Nesse momento, olhava pela janela do salão, com os braços firmemente cruzados em torno da cintura. Enquanto ele a observava, viu-a erguer a mão e... limpar uma lágrima?

Avançou por entre os convidados do pai, pensativo. Era demasiado tarde para dissolver o noivado. Além disso, o desejo instintivo que sentia por ela não se dissipara.

Ainda assim, precisavam de falar.

Dois minutos depois, estava a conduzi-la para a biblioteca. Quando ela o fitou, com um ar inquisidor, ele apercebeu-se das manchas arroxeadas sob os seus olhos.

— Sentamo-nos? — perguntou-lhe, embora não fosse realmente uma pergunta.

Diana sentou-se, as mãos cruzadas sobre o colo, e olhou-o em silêncio. Era uma jovem extraordinariamente bem-comportada.

Como era apropriado a uma futura duquesa, disse North para consigo.

O seu desconforto aumentou, e ele escolheu cuidadosamente as palavras.

— Sente-se verdadeiramente feliz com o casamento que se avizinha, Diana? — Quase a tratou por «menina Belgrave».

Ela devolveu-lhe o olhar antes de o baixar, fitando as mãos.

— Decerto que sim — murmurou.

Maldição! Alaric tinha razão; ela não gostava dele. Aquele casamento era um erro.

Porém, ele ainda a queria. E estava demasiado habituado a conseguir o que queria. Talvez ela fosse apenas tímida. Talvez...

Pondo de lado a questão da conduta cavalheiresca, North inclinou-lhe o queixo para cima e baixou a boca para a dela. Por um segundo, ficaram imóveis, como amantes numa pintura. Ela entreabriu os lábios de espanto, e ele não resistiu, abrindo-lhos mais enquanto a saboreava.

A língua dela encontrou a dele, curiosa... inocente. Ele aprofundou o beijo, e os braços dela ergueram-se e enrolaram-se-lhe no pescoço. Ouviu-a emitir um som inarticulado e doce, que o atingiu como um soco.

Se não parasse agora, acabaria por a deitar ali e beijá-la até a ouvir gemer, repetidamente, até a ver abandonar toda a decência. Até a ouvir bradar para dentro da sua boca, suplicando por mais.

Com um esforço hercúleo, afastou-se, antes que perdesse completamente o controlo. Diana fitava-o, com os seus lindos olhos arregalados, a boca entreaberta.

— Irá ser uma duquesa maravilhosa — sussurrou North, numa voz profunda e rouca.

Por um momento, viu prazer nos olhos dela, um deleite de surpresa. Contudo, uma outra emoção revelou-se em seguida — remorsos? Culpa? Ela afastou a cara e pôs-se de pé.

Antes que ele se levantasse, Diana fez uma vénia e informou que precisava de ir à sala de repouso das senhoras, para pôr alfinetes na bainha.

Foi a última vez que North a viu.

Deixou-o sem uma mensagem, o anel descuidadamente pousado no toucador, juntamente com as outras joias. Levou consigo apenas uma caixa de chapéus, na carruagem pública.

North viajou para Londres, mas descobriu que a mãe de Diana não sabia nada da sua fuga. Procurou-a durante meses, e, na véspera da partida do seu regimento para a América, encontrou-a, por fim, a morar numa casinha de campo, longe de Londres.

Diana veio abrir-lhe a porta. A luz do Sol amava-a, pensou ele, paralisado. Iluminava-lhe o perfeito tom creme das faces, a sombra projetada pela franja de pestanas. Usava uma touca simples a emoldurar-lhe o rosto, e fitou-o em choque. Tolo iludido como

era, North deu por si a memorizar cada pormenor dela, para poder levá-los consigo para a guerra.

Seria capaz de jurar que ela ficara feliz por o ver, embora surpreendida com o uniforme. Talvez ainda conseguissem que resultasse. Poderia descobrir o que a levava a fugir, e tentar corrigir a situação.

Então, vindo de trás dela, ouviu um som lamentoso, agudo e infantil. Um bebé, prestes a começar a chorar.

Um filho que não podia ser dele.

Os olhos de Diana encontraram os seus.

— Lamento, North — sussurrou ela. — Lamento muito.

Um frio gelado invadiu profundamente os ossos de North, embora talvez o devesse ter sentido no peito. O seu mundo ficou do avesso.

Sem mais palavra, virou-se, montou o seu cavalo e pôs-se a galope.

A poeira que se levantou cobriu-o, e ele sentiu-se grato por isso. Um oficial — e um cavalheiro —, piscou os olhos para afastar a poeira.

Nunca uma lágrima.

## *A Folha de Beatrix*

Apenas por subscrição

12 de março de 1780

As jovens damas que suspiram pelo infame aventureiro e escritor Lorde Wilde talvez não se apercebam de que o seu irmão mais velho, Lorde Roland, rivaliza agora com ele em termos de infâmia. *A Folha de Beatrix* soube que as explorações do futuro duque no continente americano foram muitas, e capazes de fazer desmaiar qualquer mulher decente!

As menos jovens entre nós lembrar-se-ão de que o noivado de Lorde Roland foi abruptamente cancelado há quase dois anos... quando a noiva em questão fugiu da sua festa de noivado. Numa verdadeiramente chocante reviravolta nos acontecimentos, *A Folha de Beatrix* soube que a senhora regressou ao castelo de Lindow, acompanhada de uma criança, onde agora trabalha como precetora! Não é preciso pensar muito para perceber que Lorde Roland terá uma grande surpresa quando regressar da sua luta para conter a rebelião nas colónias.

De modo geral, *A Folha de Beatrix* prefere não contaminar os ouvidos das jovens com este género de histórias, mas, neste momento, sentimos ser nosso dever avisar as mães: este Wilde, em particular, é sem dúvida demasiado sedutor.



# Capítulo 1

*Castelo de Lindow*  
*15 de maio de 1780*

**D**iana Belgrave raramente pensava nos tempos em que fora a herdeira mimada que tomara Londres de assalto e roubara o coração ao futuro duque. E, quando o fazia, dava por si a abanar a cabeça.

Nessa altura, era tão incrivelmente jovem, tão desejosa de fazer tudo para agradar à sua ambiciosa mãe — algo que, pensando nisso agora, sabia ser impossível. Talvez fosse essa a definição de maturidade: o reconhecimento de que não é possível agradar a toda a gente.

A longo prazo, também não teria agradado ao seu noivo, North (ou, mais formalmente, Lorde Roland). Pelo menos, era o que dizia a si mesma quando se sentia culpada. Afinal, não fora ela, Diana, que ele pedira em casamento — North oferecera a sua mão a uma jovem obediente, um papel que a mãe a obrigara a representar.

O brilho de desejo que ela detetava nos olhos dele? Não era por ela, mas pela criação da sua mãe, aquela criatura dócil, com perucas imponentes e adornadas de joias.

Diana tinha a impressão distinta de que North nunca gostara das sensações que ela lhe causava. O seu desejo por ela tornava-o irritável, como se lhe diminuísse o poder. Como se significasse que ela tinha posse sobre alguma parte dele, e o futuro duque de Lindow estava habituado a ser o monarca absoluto do seu mundo.

Não era difícil imaginar como se zangaria ao perceber que aquela que escolhera para sua consorte nada tinha que ver com essa mulher.

Com um suspiro, Diana obrigou-se a regressar ao presente. Outrora, fora a futura senhora do castelo de Lindow; agora não passava de uma serviçal ali. O mais importante, porém, é que fora uma jovem senhora infeliz, e agora era uma precetora feliz. Talvez não fosse uma boa precetora, mas gostava do trabalho.

Quase sempre.

Dobrou-se, pegou na menina de 2 anos, Lady Artemisia Wilde, e apoiou-a na anca. Depois virou-se para o menino de 3 anos que, sentado no chão, fazia desenhos com nabo esmagado.

— Godfrey, precisas de ir ao bacio?

O seu sobrinho, Godfrey Belgrave, abanou a cabeça, o que era uma sorte, porque, nesse momento, Diana reparou que o bacio estava virado de lado dentro da lareira, em vez de bem arrumado atrás do biombo.

Esperava que estivesse vazio.

Ela cheirava a nabo, e estava desesperada por uma chávena de chá forte com leite. Porém, o chá estava frio, e o leite que restava escorria da mesa do quarto das crianças para cima da mixórdia no chão. A governanta estremeceria se visse o quarto das crianças antes de Diana ter tempo de o limpar. A Sra. Mousekin ficava sempre chocada com o caos que parecia seguir Diana e as crianças para todo o lado, mas, agora, o ultraje da governanta já era mais por força do hábito.

Pelo menos, era isso que Diana gostava de pensar.

Parecia não ser capaz de combinar higiene básica com um dia feliz para dois bebês.

— Didi. — Artie suspirou, enterrando os seus dedinhos gordos no coque de Diana. Puxou-lhe um caracol, e o coque soltou-se sobre o pescoço. Era preciso muita energia para espalhar comida pelo quarto todo, e Artie acordara bem antes do romper do dia, por isso estava na hora de uma sesta. A menina introduziu uma madeixa de cabelo de Diana na boca, e, ensonada, encostou-lhe a cabeça ao ombro.

Diana respirou fundo, para se acalmar, como que assolada por uma vaga de exaustão, cansada não apenas por um dia longo, mas pela perturbadora sensação de fatalidade suspensa sobre si: North estava de regresso a casa.

Estas palavras não cessavam de lhe ecoar na mente. O seu ex-noivo regressara da guerra nas colónias. Diana soubera que ele estava a caminho; soluçara de alívio durante metade da noite depois de o duque anunciar que o filho ia vender a comissão. Isso significava que ela não seria responsável pela morte de um futuro duque. Tanto quanto sabia, fora o rompimento do noivado que precipitara a sua decisão de comprar uma comissão de guerra. Se ele tivesse morrido...

Bem, mas não morreria.

Podia deixar para trás o terror e dedicar-se à culpa por todas as outras coisas que lhe fizera, a maioria das quais ele ainda ignorava.

Nos últimos minutos, dois lacaios tinham arranjado desculpas para subirem ao quarto das crianças e avisarem Diana da chegada de North — ou Lorde Roland, como devia chamar-lhe agora. Todos naquela casa sabiam que o duque ordenara que ninguém lhe falasse de Diana em qualquer carta; não queria que o filho se distraísse com assuntos domésticos em tempo de guerra.

Dizendo as coisas de outra forma, toda a gente sabia que o presumível bastardo de North estava naquela casa — exceto o próprio North.

Talvez ninguém lhe tivesse contado que Diana estava a viver ali. Afinal, os pais de Artie, o duque e a duquesa, estavam em Londres, e Lady Knowe, a irmã gémea do duque, raramente visitava o quarto das crianças...

Não.

Se mais ninguém lhe tivesse dito, Boodle, o seu criado de quarto, revelar-lhe-ia as notícias. Este via North como uma extensão da sua própria importância, pelo que qualquer mancha na reputação do seu amo — sendo que um bastardo era, definitivamente, uma mancha — era considerada um insulto pessoal.

Boodle devia estar agora em viagem para o castelo. Depois de North partir para a guerra, o valete servira o duque, o pai de North, mas achara humilhante o desinteresse de Sua Graça pela aparência. Agora que o sofisticadíssimo e moderno herdeiro voltara, Boodle reinaria de novo com supremacia sobre todos os outros valetes — pelo menos, após o espinhoso problema do bastardo de North estar resolvido.

Durante o noivado, North fora estritamente respeitoso. Não ria, não arrotava e nem sequer contava piadas. Também não se zangava. Mantinha as suas emoções completamente dominadas. Talvez o riso fosse algo demasiado espontâneo para o herdeiro de um duque. Ou talvez ele não tivesse sentido de humor.

Contudo, por mais calma que fosse a sua natureza, qualquer homem explodiria de fúria ao saber que ele — ou, o que talvez fosse pior, o seu pai — albergava em sua casa uma criança sob falsas pretensões.

Diana endireitou os ombros, reunindo coragem. Já não era a rapariga obediente que havia sido. Era uma mulher forte e

independente, que recebia um salário conquistado com o seu trabalho.

Havia muitas coisas que ansiava dizer a North, e, por mais furioso que ele estivesse — com toda a razão —, tencionava dizer-lhas. Recusava-se a desperdiçar todas as noites que passara sem dormir, angustiada com o que lhe tinha feito. Mesmo que ele a expulsasse de casa nessa noite, primeiro pedir-lhe-ia desculpa. «Faz das tripas coração, e faz o que deve ser feito», ter-lhe-ia dito o avô.

Godfrey caminhou para ela e agarrou-lhe as saias com a mão pegajosa. Não era um menino bonito; tinha joelhos ossudos, maçãs do rosto angulosas e cabelo cor de ferrugem.

Mas era dela, fosse qual fosse a sua aparência. Diana ainda estava para perceber como era possível lançar um primeiro olhar a um bebé magricela e aos gritos e saber, instantaneamente, que faria tudo — sacrificaria tudo — para o manter em segurança.

— Hora do banho — anunciou às crianças. A meio do corredor, parou para ajustar o peso de Artie na anca. — Querida, por favor, não te babes para o meu pescoço. Godfrey, podes andar mais depressa?

Arrependeu-se da sua própria estupidez, porque bastava pedir a Godfrey que fizesse uma coisa para o incitar a fazer precisamente o contrário. O menino, obviamente, tombou de joelhos e gatinhou pelo corredor de volta à sala de jantar das crianças.

— Godfrey! — chamou ela, esforçando-se por manter um tom calmo. Costumava portar-se pior se as pessoas lhe gritassem.

— Eu vou — disse Artemisia, tirando a madeixa de cabelo de Diana da boca e contorcendo-se. — Vou buscar o Free. — Era como chamava a Godfrey. Este, por sua vez, não chamava nada à sua companheira de brincadeiras, porque, embora já tivesse bem mais de 3 anos, ainda não falava.

Diana pousou Artie no chão. Ouviu passos, que faziam ranger as escadas de madeira sem tapetes que levavam à ala das crianças. O pânico percorreu-lhe as veias.

Não.

O seu ex-noivo usava tacões altos, recordou-se. Tacões altos. Meias com bordados, às riscas. Casacos de seda em amarelo-torrado. Perucas que o obrigavam a andar de modo afetado, sob o risco de tombarem de grande altura. Era um dândi, decente e enfadonho.

North fora uma criação de Boodle, tal como ela fora uma criação da sua mãe.

Um homem dobrou a esquina. O coração de Diana bateu uma vez e acalmou-se. Não era North, mas Prism, o mordomo do castelo.

Para seu desgosto, Diana apercebeu-se de que estava encostada à parede, como se esperasse ver o xerife.

— Boa tarde, Prism... — Tossiu. — Sr. Prism.

Nas primeiras semanas na ala das crianças, estava sempre a cometer erros daqueles — era o resultado de ter sido educada como uma senhora e contratada como serviçal. Porém, há mais de um ano que deixara de os cometer.

Prism era alto e distinto. Diana considerava-o um cavalheiro, mas ele não concordava. Dava demasiada importância à hierarquia e ao sangue, embora, na verdade, tivesse melhores maneiras do que a maioria dos lordes. Sentira-se ultrajado quando uma senhora que visitara o castelo como convidada voltara como serviçal.

— Menina Belgrave. — Não lhe fez uma vénia, mas uma vénia invisível pairou em volta da sua cintura.

— Posso ser-lhe útil? — perguntou Diana.

Enquanto jovem herdeira mimada, sempre se sentira desconfortável junto dos serviçais, que nunca esqueciam que o seu

avô fizera fortuna como merceeiro. Agora, que era também uma serviçal, achava a maioria deles extremamente generosos. Prism, por exemplo, ignorava frequentemente os erros que ela cometia no quarto das crianças.

Nesse momento, ouviu o tinido de talheres a embaterem — julgou ela — no guarda-fogo da sala de jantar das crianças.

Prism estremeceu. Toda a gente do castelo conhecia o temperamento traquina de Godfrey. Os criados adoravam comparar as patifarias infantis de North às de Godfrey, fazendo sempre com que Diana se sentisse culpada, visto os dois não terem nada em comum, à exceção da traquinice infantil. Também estava tão farta da mentira que a levara até ao quarto das crianças, que seria quase um alívio deixar o castelo — isto, se a ideia de deixar Artie não fosse tão angustiante.

Diana vira nascer o primeiro dente de Artie e assistira aos seus primeiros passos. Ficara acordada três noites quando a menina adoecera com um problema pulmonar; quando a duquesa chegara de Londres, encontrara a filha mais nova sentada na cama, a pedir bolo.

Ouviu-se outro punhado de talheres a embater no guarda-fogo da lareira. Numa poderosa demonstração de calma de mordomo, Prism conseguiu ignorá-lo.

— Menina Belgrave, desejo informá-la de que o Lorde Roland chegou a casa e está neste momento com o seu criado de quarto, a mudar de roupa. Esperemos que o Sr. Boodle permita que seja a Lady Knowe a partilhar as informações importantes relativas à família.

Pelo seu ar desdenhoso, Prism não tinha mais fé do que Diana na discrição de Boodle.

Ainda assim, ela sentiu uma vaga de alívio, porque agora teria tempo para tomar uma chávena de chá e ensaiar o que ia dizer a

North. Boodle levaria no mínimo três horas a enfiar North dentro dos luxuosos trajés de futuro duque.

O criado estava ansioso por voltar a deslumbrar toda a gente com as suas qualidades de valete; não deixaria o seu amo sair do quarto enquanto não estivesse resplandecente.

Na humilde opinião de Diana.

Fosse em Londres ou no castelo, o seu ex-noivo apresentava-se sempre impecavelmente vestido — para não falar dos momentos em que ela tivera quase a certeza de que ele pintara os lábios. Nenhum homem tinha os lábios daquele cor-de-rosa escuro.

Cruzou as mãos na cintura, como a sua própria precetora costumava fazer.

— Muito obrigada pelo aviso, Sr. Prism.

— Tendo em conta que o Lorde Roland não sabe que a menina Belgrave e o menino Godfrey se encontram aqui, poderá ficar surpreendido — comentou o mordomo, recorrendo a um forte eufemismo. — Queria garantir-lhe que Sua Senhoria é um perfeito cavalheiro, que receberá a notícia com tranquilidade.

Diana podia confirmá-lo — por vezes, sentira que estava noiva de um modelo em cartão de um nobre inglês... se o modelo pudesse dobrar-se pela cintura e imitar todos os gestos e expressões de um cortesão.

North era um cavalheiro da cabeça aos pés, e as suas emoções eram tão discretas quanto a sua indumentária era extravagante.

Viraram ambos a cabeça ao ouvir alguém subir rapidamente as escadas para a ala das crianças. O coração de Diana bateu a um ritmo nauseante de encontro às suas costelas.

Não tinha três horas de tréguas.

Nem tempo para o chá.

Prism não era o género de mordomo que desejasse ser testemunha de um encontro embaraçoso.



— Tenho de ir falar com a Mabel sobre a sua ausência nas orações da manhã — disse ele, encaminhando-se para a sala de jantar das crianças.

Estava prestes a descobrir que a criada fizera mais do que falar às orações, mas Diana não disse nada. As palavras horrorizadas do mordomo — «Menina Belgrave!» — sobrepuseram-se à chegada de North ao cimo das escadas. Diana não respondeu a Prism, nem se permitiu voltar a recuar para o conforto da parede. Em vez disso, fixou os olhos no seu ex-noivo.

North tinha mudado. O seu rosto estava mais magro e anguloso, com rugas cansadas nos cantos dos olhos, que o faziam parecer 20 anos mais velho.

Surpreendentemente, não parecia zangado. Porém, a sua cara nunca demonstrava muita emoção, devido ao queixo forte, às maçãs do rosto elevadas e à sua nobreza natural, que o faziam parecer sempre em pose para um retrato. Um retrato de um duque, naturalmente.

Ao avançar para ela, as suas botas estalavam no chão. Boodle não tivera tempo para transformar o seu amo num futuro duque; North ainda trazia as roupas de viagem, a sua casaca de montar preta salpicada de lama.

Parou diante de Diana. Quando muito, parecia vagamente divertido.

— Da última vez que nos vimos aqui, disse-me que ia para a sala de repouso das senhoras — comentou ele. — Deve ter sido uma das visitas mais longas na história do castelo.

— Eu nunca devia ter partido sem romper o nosso noivado pessoalmente, ou, pelo menos, sem lhe ter escrito uma carta. — As palavras que ansiava dizer há quase dois anos saíram-lhe precipitadamente da boca. — Lamento muito, North. Peço muita desculpa. Tive um comportamento horrível, e...

Interrompeu-se quando Prism voltou da sala de jantar, com as bochechas tão chupadas quanto as de um menino a sorver limões.

— Lorde Roland — disse ele, fazendo uma vénia. Depois, virou-se para Diana: — Onde está a Mabel?

— Na leitaria — respondeu Diana. — Não tardará, Sr. Prism.

— *Sr. Prism?* — repetiu North. As suas sobrancelhas juntaram-se a meio da testa.

Boodle ter-lhe-ia dito que ela estava ali como serviçal; julgaria North que Diana podia continuar a dirigir-se ao mordomo como se fosse uma senhora? O que era adequado para uma convidada era insolência numa serviçal.

— Mandarei a Mabel de volta para o seu posto — disse Prism, ignorando North e desaparecendo em direção às escadas, como só um mordomo sabia fazer.

Diana virou-se novamente para North, tentando decidir se devia passar ao assunto de Godfrey ou repetir o quanto lamentava tê-lo deixado de uma forma tão pública.

— Quem é a Mabel? — perguntou North.

— É a criada da ala das crianças. Eu sou a precetora — explicou Diana. — Na verdade, sou mais uma ama, mas a Lady Knowe foi tão generosa que me deu esse título. A Mabel apaixonou-se, e ausenta-se frequentemente do seu posto. — Hesitou antes de acrescentar: — Peço mais uma vez desculpa pela forma indelicada como rompi o nosso noivado.

North quase não se mexeu, mas a sua expressão demonstrou que aquilo não podia interessar-lhe menos. Para ele, era passado; ela é que não conseguia esquecer o seu mau comportamento.

— Diana — disse North —, o que faz em minha casa? — Um vestígio de ironia brilhou-lhe nos olhos, mas, acima de tudo, parecia cansado. A forma como costumava olhá-la, que prometia delícias secretas, desaparecera sem deixar rasto.

Claro que desaparecera. Ela queria que desaparecesse.

— Devo acrescentar que o meu criado de quarto julga que sou o pai do seu filho — prosseguiu ele, sem emoção na voz.

— Não teria havido tempo para isso — retorquiu ela. — Com tantos sermões que me deu acerca dos deveres de uma duquesa.

Com um gemido interior, acrescentou aquela frase à lista de coisas estúpidas que se arrependia instantaneamente de dizer. Havia dias em que a lista quase não crescia. Noutros... bem, noutros dias, envergonhava-se a si mesma umas 50 vezes, antes da hora de ir dormir.

Uma expressão de surpresa genuína perpassou o rosto de North. Naturalmente, acreditava que ela era a criatura humilde que a mãe construía para corresponder às exigências de um nobre.

— Não devia ter dito isto — acrescentou ela rapidamente. — Pareço ter esquecido as regras de comportamento de uma senhora, e, sobretudo, de uma futura duquesa. Os serviçais tendem a ser mais diretos, mas não estou a tentar desculpar o meu comportamento.

— Eu estava simplesmente a tentar facilitar a sua entrada na aristocracia — retorquiu North. Não ergueu a sobancelha, mas, de alguma forma, sem mover um músculo, conseguiu dar às palavras uma entoação sarcástica. — Peço desculpa se a deixei desconfortável, ou se a entediei.

— Imagine, quase casou com uma mulher cujo coração pertence à ala dos criados — disse Diana, oferecendo-lhe um sorriso hesitante. — Devia agradecer-me de joelhos por me ter ido embora.

— Se bem me lembro, não me ajoelhei quando a pedi em casamento — observou North. — Acho que ambos concordamos que estamos melhor assim, não tendo casado, pelo menos um com o outro.

Ele tinha razão. Era absurdo que o seu comentário a magoasse. Não fora tanto o que dissera, mas a expressão indiferente nos seus olhos. Qualquer afeição que ele tivesse tido por ela desaparecera.

Ela comportara-se de forma terrível. Era indigna... da sua afeição, se é que fora isso que ele sentira por ela.

Diana compreendeu o sentido da frase e disse, com um pequeno suspiro:

— Não contou a verdade ao Boodle?

— Sou um cavalheiro, Diana. Achei melhor saber quais são as suas intenções relativamente ao meu suposto filho.

Enquanto ela o fitava, ouviu-se um estrondo na sala de jantar — e, desta vez, não eram facas e garfos, mas porcelana. A sua experiência dizia-lhe que Godfrey conseguira subir para a mesa e estava a atirar os pratos ao chão.

Virou-se e correu pelo corredor até lá. Artie podia estar no meio dos pratos estilhaçados, além de que a governanta já ameaçara descontar-lhe no salário os objetos partidos.

Atrás dela, North gritou:

— Diana!

Ela entrou a correr na sala e encontrou Godfrey sentado no centro da mesa e Artie ao seu lado, a tentar tirar-lhe um prato. Sentiu novamente uma pontada de pânico perante a ideia de se separar dela. Artie era a ligação de Godfrey ao mundo, a única pessoa que realmente o compreendia.

— Didi! — gritou Artie, largando o seu lado do prato e agitando as mãos no ar. — O Free está outra vez a atirar coisas!

Godfrey atirou o prato à parede no preciso momento em que North chegava junto de Diana.

Ela tirou o menino de cima da mesa e pousou-o no chão, acocorando-se diante dele. Era difícil ignorar a presença de North

atrás de si, mas sabia que Godfrey só a ouvia imediatamente a seguir à sua desobediência. Uma reprimenda protelada era o mesmo que uma aprovação.

— Querido — disse ela, olhando-o nos olhos —, não debes partir pratos. É uma maldade muito grande, e faz a Sra. Mousekin zangar-se connosco.

North aproximara-se da mesa.

— Tu debes ser a Artemisia — ouviu-o dizer. — Sou o teu irmão mais velho. Não nos víamos desde que eras recém-nascida.

— O meu nome é Artie — informou a menina.

Diana fitou o rosto de Godfrey. Ele não falava, mas ela tinha a certeza de que pensava bastante. Acreditava que fosse até mais inteligente do que a média das crianças.

— Por favor, prometes-me que não atiras mais pratos de cima da mesa ou às paredes? — Tinha de ser muito específica ao repreender o sobrinho.

Os límpidos olhos azuis de Godfrey mostravam-se doces como os de um anjo quando ele lhe deu um beijo molhado na face. Ela abraçou-o por um momento, e depois soltou-o. Artie balançou as pernas na ponta da mesa.

— Chão — disse, levantando os braços para North.

O cortesão que Diana recordava, o homem que usava seda lilás bordada a fio de ouro, teria evitado uma criança pegajosa.

— Sem dúvida que é uma Wilde — murmurou North, pegando em Artie sem qualquer sinal de repugnância.

Assim que a pôs no chão, Mabel entrou a correr.

— Não precisava de me ter denunciado ao Prism... — disse, interrompendo-se subitamente. — Desculpe, meu senhor. Não sabia que estava aqui. — Fez uma vénia, de cabeça baixa.

— És responsável pelo estado desta sala? — perguntou-lhe North.

Diana seguiu o seu olhar e viu que um líquido amarelo escorreu do bacio virado na lareira para o tapete. Não admirava que Prism parecesse tão angustiado.

— Não — apressou-se a dizer Diana. — Eu é que sou responsável pelo comportamento das crianças, não a Mabel. Se quer ralar com alguém, deve ser comigo.

— Leva as crianças para outro sítio — instruiu ele a Mabel.

Diana esquecera-se da autoconfiança dele. North dominava o seu mundo e todas as pessoas que o constituíam, à exceção do pai e da madrasta.

Outra razão para estar feliz por o casamento não ter acontecido, recordou a si mesma. Sempre temera o momento em que o seu noivo viria a descobrir que a subserviência não era uma coisa natural nela.

— Com certeza, meu senhor — murmurou Mabel, acrescentando, num tom doce que Artie e Godfrey raramente ouviam: — Venham, meus amores.

North observou-os a sair da sala, virando-se, então, para Diana.

— A minha irmã chucha no dedo — afirmou, claramente abalado. — Não me cumprimentou convenientemente. Duvido que saiba como fazê-lo. É mesmo a precetora dela?

Diana conteve um riso despropositado. Era estranho, apesar de adequado, ver emoções fortes no rosto dele apenas quando o assunto era a falta de maneiras.

— O Boodle não o informou da minha posição?

— O meu criado disse-me que a Diana estava a viver aqui no castelo com um filho meu, e encontrei-a na ala das crianças. Não me ocorreu que uma mulher que ia ser a minha duquesa pudesse fazer parte da criadação — disse ele. Depois acrescentou secamente: — Estava preocupado com o milagre da minha paternidade.

O coração de Diana começou a bater com tanta força que lhe fazia doer o peito, mas, se o afagasse, denunciá-la-ia.

— Não é vergonha nenhuma ter um emprego — conseguiu dizer. — É muito mais respeitável do que passar a vida a pavonear-se num salão.

Ela percebeu de imediato que o serviço militar às ordens de Sua Majestade dificilmente poderia ser comparado com pavonear-se num salão, mas North parecia ter decidido ignorar o seu comentário.

— É a preceptora do castelo? Onde estão os meus outros irmãos? — perguntou North, olhando em volta, como se os irmãos e as irmãs pudessem saltar de um canto a qualquer momento.

— A Viola, a Betsy e a Joan estão em Londres com Sua Graça, já que a temporada social está no auge. Antes que diga mais alguma coisa, tenho sido uma excelente preceptora para as raparigas, nos períodos em que não estão no colégio.

— E em relação aos rapazes? Está a dizer-me que lhes pode ensinar Latim?

Decerto que Diana não podia, visto que a sua mãe recusara terminantemente que ela aprendesse qualquer coisa que não fossem qualidades senhoriais; a Sra. Belgrave acreditava que os lordes preferiam a ignorância, para poderem ser eles a ensinar as suas esposas. E, na verdade, os repetidos esforços de North para instruir Diana sobre as exigências da alta sociedade tinham provado que a mãe dela tinha razão, embora não fosse conveniente salientá-lo.

— O Spartacus e o Erik estão em Eton, e não precisam de professores aqui — disse ela, para concluir o assunto.

— Diana, deixe-me perguntar-lhe mais uma vez: o que faz aqui? Decidiu deixar-me, o que era certamente um direito seu, quer tenha sido devido aos meus sermões sobre os deveres de uma duquesa ou não, mas não temos filho nenhum.

Diana engoliu em seco. Chegara o momento de lidar com as consequências da sua segunda decisão impulsiva.

— A Lady Knowe foi visitar-me pouco tempo depois de o North partir para a guerra.

Ele franziu ainda mais a testa.

— Esqueceu-se de me falar dessa visita nas suas cartas.

— Encontrou-me desesperada — continuou Diana, apertando as mãos com tanta força que os nós dos dedos empalideceram. — A minha mãe tinha-nos posto na rua, e eu quase não tinha dinheiro. A Lady Knowe partiu do princípio de que o menino era seu, e eu deixei-a acreditar nisso, algo de que me envergonho. Estou muito arrependida.

Analizou-lhe o rosto. Continuava a não revelar sinais de raiva, mas também não parecia indulgente. O perdão não era algo que se pudesse pedir, lembrou-se. Aprendera essa lição com a mãe.

— Não recebi qualquer apoio da sua família — disse ela, com um vestígio de orgulho na voz, porque estava, de facto, orgulhosa por trabalhar. Era praticamente a única coisa de que se orgulhava. — O castelo precisava de uma ama, por isso fiquei com o cargo. Foi ideia da sua tia contratar-me como precetora.

— Porquê?

— O cargo de precetora é um dos mais importantes entre os serviços — explicou Diana. — A Lady Knowe achou que seria mais fácil para o resto do pessoal aceitar a minha presença, visto que as preceptoras são, frequentemente, senhoras de boas famílias. E também foi generosa, porque o salário é maior.

Houve um momento de silêncio.

— Imagino que haja quem pense que obriguei a minha noiva a trabalhar como serviçal para que pudesse sustentar o meu bastardo.

— Receio que isso seja verdade, mas nunca me ocorreu tal coisa, nem à Lady Knowe — respondeu Diana, com absoluta



sinceridade. As suas mãos tremiam visivelmente, pelo que entrelaçou os dedos. — Desde então, tenho-me arrependido muitas vezes dessa decisão precipitada. Pensei em ir-me embora e arranjar outro trabalho, mas a Artie... — A sua voz vacilou. — Amo a sua irmã. Não quis deixá-la... — Não abandonar o castelo fora uma decisão tremendamente egoísta, agora que pensava nisso. — Não fiz nada por mal — acrescentou, soltando um leve suspiro. — Juro.

— Eu sei.

Ela subestimara-o quando estavam noivos. North regia-se por um código de conduta ético — ou cavalheiresco — que significava que nunca seria indelicado. Avaliava os benefícios e os prejuízos de cada decisão antes de a tomar. Diana, por seu turno, atirava-se de cabeça, e, no processo, magoava pessoas.

— Estou tão arrependida — repetiu.

— Já deixou isso claro.

— Sinto-me como uma prisioneira condenada, ansiosa por exprimir remorsos.

— E eu faço o papel de carrasco ou de juiz? A sua cabeça vai ser cortada com uma espada, como a de Henrique VIII, ou irá parar à força, como uma criada apanhada a roubar?

— Tem todo o direito de interpretar o papel de carrasco, North. Tratei-o de forma deveras repreensível. Horrível, mesmo.

## Capítulo 2

**S**e North alguma vez se tivesse dado ao trabalho de fazer o inventário dos piores dias da sua vida — coisa que não fizera —, teria classificado como o mais triste de todos aquele em que o seu irmão mais velho, Horatius, morrera. A batalha de Stony Point e a fuga de Diana durante os festejos do noivado viriam a seguir.

Esses três acontecimentos haviam sido terríveis.

Contudo, o dia de hoje estava prestes a juntar-se à lista. North obrigara-se a deixar de pensar em Diana, e voltar a vê-la causara-lhe uma sensação de vertigem. Quando se conheceram, ela fizera-lhe lembrar a representação, numa finíssima estátua de porcelana, de uma dama de companhia francesa, o rosto empalidido por pó de arroz, os lábios tingidos de carmesim, um sinal preto no cimo de uma bochecha.

Agora usava uma touca de musselina inclinada para um lado, e uma melena de cabelos ruivo-escuros tombava-lhe pelas costas. Cabelos ruivos?

Tendo em conta a sua inclinação para usar perucas empoadas, ele não fazia ideia de que o cabelo dela era ruivo. As pestanas combinavam com o cabelo, e as faces exibiam um brilho rosado. Tinha um aspeto descuidado e delicioso, como se tivesse acabado de sair da cama.

O pensamento fê-lo encolher-se.

Mais importante do que a cor do cabelo, ele não se lembrava de ela ter falado muito durante o noivado. Não respondia com mais do que um murmúrio de concordância às suas tentativas de a integrar na vida de uma futura duquesa. Agora, não era capaz de estar calada. Tinha uma forma de abordar os assuntos indiretamente, mas estava a ser muito clara nas suas desculpas. Ele não as queria, nem precisava delas, mas a sua franqueza era reconfortante. Aborrecera-o que a mulher que escolhera para sua duquesa não tivesse tido a cortesia de o informar pessoalmente do rompimento do seu noivado.

— Foi muito errado da minha parte deixar a sua família acreditar que o North era o pai do meu menino. — Diana retorcia as mãos, e as suas bochechas haviam passado de rosadas a vermelhas.

Deveras.

No fundo do seu coração, North ressentia-se bem mais por ter sido rejeitado do que pelo facto de o pai ter estado a sustentar o seu suposto filho ilegítimo.

— Onde está o pai do rapaz? — perguntou.

— Morreu — disse ela, corando ainda mais. — Mas ele...

— Não quero saber — declarou North.

Aquele menino, claramente, nascera antes de eles se conhecerem. Fazia todo o sentido que o pai tivesse morrido. North não conseguia imaginar que um homem que tivesse conquistado o afeto de Diana não ficasse com ela.

A forma como ela escondera a criança dele, de toda a sociedade, levando-o a pedi-la em casamento, fez-lhe subir pela espinha um ímpeto de raiva — que imediatamente vacilou e morreu. Depois das suas experiências na guerra, que importância tinha o que ela fizera?

Para ele, não tinha nenhuma.

Provavelmente, ela fizera-lhe um favor ao arrastá-lo para um escândalo. Isso mantinha à distância as mães empenhadas em casar as filhas. Não pretendia procurar mulher enquanto a necessidade de um herdeiro não o obrigasse a fazê-lo. Até podia permitir que o título seguisse pela linhagem de Alaric.

— A minha madrasta sabe que a Artemisia exhibe a elegância da filha de um merceeiro? — perguntou ele, decidindo conduzir a conversa para a realidade de que Diana seria forçada a abandonar o castelo. Não podia manter a sua ex-noiva a trabalhar na casa do seu pai. Não ficaria bem, como a sua própria precetora teria dito.

— Deve estar muito zangado comigo, para mencionar o meu avô — comentou Diana, de olhos fixos nos dele. — O North é uma das pouquíssimas pessoas da sociedade que nunca viu razões para me criticar o ultraje de ser neta de um merceeiro.

— Peço desculpa se pensou que me referia ao seu avô. Usei a expressão sem pensar.

— Porque é que o mundo há de considerar um merceeiro menos educado do que um sapateiro? — comentou ela, com um sorriso triste. — A verdade é que assim é.

North raramente ficava sem resposta, mas deu por si silenciado pelo sorriso de Diana, pela sua autoconfiança, pelas diferenças que lhe via em relação à rapariga que pedira em casamento. Já nem se lembrava de que pergunta lhe fizera: de alguma forma, tinham acabado num assunto diferente. Desviar a conversa parecia ser um dos talentos dela.

— Não tenho vergonha do meu avô. — Diana franziu o nariz, numa expressão sedutora. — E, sinceramente, antes de me ter tornado preceitora, eu própria teria ficado chocada com a Artie. É por isso que as crianças não saem da sua ala, sabia disso? Para que ninguém perceba quão incivilizadas são. Ou, melhor, para ninguém ter de suportar a sua companhia.

Ele lembrava-se daquele sorriso. Da primeira vez que vira Diana, entrara num salão de baile e avistara uma jovem desconhecida a dizer algo que fizera desatar a rir o homem com quem falava. Diana rira-se também, o género de riso incontido que a maioria das senhoras sufocaria antes que um simples som lhes atravessasse os lábios.

North percebera que ela era sofisticada, com um rosto em forma de coração e uma figura aprumada. Contudo, não fora essa a parte importante. Os seus lábios tinham uma curva natural que se assemelhava a um sorriso.

Desde então, quisera-a, com uma intensidade ardente que poucas vezes sentira. Talvez apenas quando tentava manter-se vivo no campo de batalha.

— Quanto às maneiras da Artie, receio que ela tenha a capacidade de concentração de um canário e o temperamento de um touro zangado — observou Diana. — Ensinei-a a fazer vénias, mas as suas pernas são demasiado rechonchudas para se dobrarem corretamente.

— Essa descrição poderia servir para todos os filhos do meu pai nessa idade — comentou North.

Diana cruzou as mãos atrás das costas e olhou-o diretamente nos olhos.

— Passei muitas noites sem dormir, a pensar em como fui desonesta consigo, com a sua família e com os outros serviçais, que se mostraram todos tão generosos comigo.

North apercebeu-se de que não lhe agradava a forma como ela falava dele, um pouco como se ele fosse um tio velhote. Um pároco bondoso.

— O que está feito, feito está — disse ele. — Mas agora...

— É por isto que eu nunca venho à ala das crianças! — A tia de North, Lady Knowe, surgiu sob a ombreira da porta, com uma mão no coração, olhando em redor da sala. — Aquilo é um bacio virado? Sim, pois é — respondeu ela à sua própria pergunta. — E aquele não é um dos meus amados sobrinhos, regressado de terras perigosas, que não me foi cumprimentar? Pois sim, é mesmo ele!

North sorriu e correu a abraçar a tia. Lady Knowe era alta e de ombros largos, com uma infeliz semelhança com o seu irmão gêmeo, o duque. Aqueles que amavam a sua enérgica generosidade não se importavam nada com o seu nariz nobre.

— Queria mudar as minhas roupas sujas da viagem antes de ir vê-la, tia Knowe.

Ela pousou as mãos nas bochechas do sobrinho e olhou-o nos olhos.

— Estás saudável de membros e mente, meu querido?

— Sim — confirmou ele, não adiantando mais, pois não perdera qualquer membro, mas perdera outra coisa. Não fora a cabeça, pelo menos não completamente. Perdera a capacidade de dormir. O seu prazer na comida e nas mulheres.

A tia tirou as mãos da sua cara.

— É uma guerra infrutífera, e espanta-me que aquele bando de idiotas do parlamento não o perceba. O teu pai fez o seu melhor para os persuadir, mas sem resultados.

North deixara os seus sentimentos bem claros junto do ministro quando vendera a comissão. Contudo, os tolos com quem falara não tinham estado nas colónias. Não compreendiam o quanto

os soldados americanos estavam empenhados na liberdade, nem o quanto o seu general era astuto. Longe do sangue e do fumo das batalhas, um bando de idiotas — para usar as palavras da sua tia — organizava e reorganizava regimentos com a mesma preocupação de meninos a brincarem com soldadinhos de chumbo.

— Pelo menos já saíste de lá — comentou a tia, franzindo o nariz. — Diana, minha querida, que cheiro horrível é este?

— Peço desculpa, minha senhora — disse Diana, fazendo uma profunda vénia.

Sem pensar, North estendeu a mão e endireitou-a.

— Não.

Diana enrubescou ligeiramente.

— Sou um membro da criadagem.

— Não, não é — declarou ele, arrancando-lhe a touca de musselina que pertencia aos escalões mais baixos, e não à cabeça de uma senhora. — Ainda que tenha passado demasiado tempo na ala das crianças, não vai dirigir-se à minha tia, nem ao Prism, já agora, como se fosse uma serviçal.

— Mas eu sou uma serviçal!

Nesse mesmo momento, Lady Knowe interveio:

— Ela é teimosa como uma mula, North. Não terás mais sorte do que eu.

North franziu a testa para Diana.

— Recuso-me a permitir que a minha noi... a minha ex-noiva faça parte da criadagem.

— Já faço — retorquiu Diana. — Toda a gente já se habituou.

— Isso não é bem verdade — observou Lady Knowe. — Se ainda não ouviste as opiniões do Boodle acerca deste assunto, North, não tardarás a ouvi-las.

— Não pode continuar nesta posição, Diana — disse ele, constatando o óbvio.

Uma expressão perpassou os olhos de Diana, tão fugaz que North não a conseguiu ler.

— Concordo. E peço desculpa.

Aquela era talvez a sétima vez que ela se desculpava. North tinha a sensação de que, por sua vontade, passaria o dia a repetir o mesmo.

— Julgo que a Diana receia ter-te quebrado o coração, North — comentou a tia, de olhos cintilantes.

— Deixe-me sossegá-la; duvido que possua tal coisa — retorquiu ele. Depois acrescentou secamente: — Abalou a minha soberba, o que provavelmente foi benéfico para o meu carácter.

— Sem dúvida — respondeu a tia, rindo.

Surpreendendo-o de novo, Diana também riu.

— Eu perdi toda a soberba que tinha no dia em que pus aquela touca, e acredito piamente que me fez bem à alma. Só gostava de ter sido honesta em relação ao Godfrey.

North tentava perceber se Godfrey seria o homem com quem Diana tivera o filho ou o menino que ela lhe apresentara, mas a tia mudou de assunto:

— Esta sala está uma desgraça! — anunciou. — North, gostaria que me acompanhasses ao meu quarto, e depois disso poderás trocar as tuas roupas sujas da viagem. Não te via tão desleixado desde que o Alaric te atirou para dentro da manjedoura dos cavalos. — Virou-se para Diana. — Ele tinha vestida a armadura da família, aquela que está num canto do vestíbulo.

— Estou impressionada — disse Diana para North. — Parece ser difícil andar dentro dela.

— Ainda mais agora, que as articulações enferrujaram — comentou a tia. — Pedirei ao Prism que mande uma criada cá acima imediatamente, Diana. O meu sobrinho está imaculado em comparação com este tapete.



— Obrigada — respondeu Diana, fazendo uma vénia. Depois, em resposta à carranca de North, observou: — Eu sempre fiz reverência à Lady Knowe quando era visita do castelo.

— Supliquei à Diana que ficasse como minha convidada — disse a tia —, mas ela recusou. Vem, North. Vocês os dois precisam de parar de discutir, porque só nos melodramas é que um duque se apaixona pela precetora. — Conseguiu parecer divertida, maliciosa e satisfeita, tudo ao mesmo tempo. — Espero que se junte a nós para o jantar, Diana. — Diana abriu a boca, claramente para protestar, mas Lady Knowe levantou a mão. — Precisamos de fazer planos para o seu bem-estar. Nenhuma conversa importante pode decorrer numa sala tão malcheirosa quanto esta. Além disso, quando os assuntos são difíceis, um copo de vinho vem a calhar.

North fez uma vénia.

Diana podia dizer que era precetora, se quisesse, mas ele nunca antes se inclinara perante uma serviçal. A vénia foi um pouco mais funda do que devia, para que ficasse bem claro.

— Bem, que imbróglia aqui temos! — comentou a tia quando saíram para o corredor. — Encontro-te a discutir no quarto das crianças com o meu membro favorito da criadagem. Tens olheiras. Conseguiste tornar-te alarantemente musculado e magro ao mesmo tempo.

— Disparate — retorquiu North, afastando a imagem das rações cheias de larvas que distribuía aos seus soldados na América. — O que pensa o Prism da presença da Diana?

— O grande dom do Prism enquanto mordomo é saber o que a família quer, mesmo antes de nós o sabermos — observou a tia. — A Diana recusou-se a jantar comigo até o Prism a convencer de que eu levaria as crianças para Bath por me sentir sozinha, deixando-a ficar aqui. Como se eu fosse para algum lado com bebês a reboque!

— Surpreende-me que o meu pai tenha concordado em empregar a Diana. Certamente que a tia não acreditou que o filho fosse meu.

— Claro que não, querido. Quanto ao emprego dela, apresentei-o ao duque como um facto consumado — respondeu a tia, segurando-lhe o braço quando começaram a descer as escadas. Lady Knowe apreciava tacões altos, que tornavam um pouco perigoso descer escadas inclinadas como aquelas.

North estava dividido entre o desagrado perante a situação e a frustração consigo mesmo por se sentir minimamente atraído por Diana.

— Como é que a tia soube da situação dela?

— Eu conheço-te. Sabia que algo acontecera antes de saíres do país, e a Diana era a resposta óbvia.

A mãe de North morrera quando ele era demasiado jovem para se lembrar, mas a tia Knowe estivera sempre no castelo.

— Demorei meses a encontrá-la, pois a Sra. Belgrave recusou-se a dar-me a sua morada. Como é que a tia conseguiu?

— Entrei pela sala de estar da mulher adentro e ameacei arrancar-lhe as tripas — explicou a tia alegremente. — É uma criatura verdadeiramente repelente, devo acrescentar. Teve a audácia de me dizer que a filha roubara uma fortuna em esmeraldas.

— O Prism devolveu as joias e as roupas da Diana à mãe dela — disse North, recordando a sua incredulidade quando Prism lhe devolvera o anel de noivado.

— A Diana não é nenhuma ladra. Quando a encontrei, a pobre rapariga não tinha uma moeda. Na verdade, pus uma pessoa a investigar o testamento do Sr. Belgrave, para ver se a mãe não lhe roubara a herança.

— A Sra. Belgrave deserdou-a? — Ocorreu-lhe uma memória desconfortável da pequena cabana decrépita onde encontrara Diana.

— O tolo do pai dela deixou apenas uma cláusula, obrigando a mulher a dar um dote às filhas — explicou Lady Knowe, abanando a cabeça. — Pelo que tenho ouvido, ela tem andado pela cidade, permitindo-se ser cortejada por oportunistas, certamente enfeitada com as joias que acusou a Diana de roubar.

North partira do princípio de que Diana o preterira em favor de um homem pobre. Contudo, o seu amante morrera antes de North a conhecer, tendo em conta que o seu filho tinha 3 ou 4 anos.

— Maldição! — disse ele numa voz áspera. — Eu fui-me embora e deixei-a lá.

— Isso é compreensível — respondeu a tia Knowe, dando-lhe palmadinhas no braço. — Tive de a assediar terrivelmente antes de ela concordar em voltar para o castelo. E acabou por vir apenas na condição de trabalhar. Infelizmente, nenhuma de nós previu o escândalo que isso causaria.

North encolheu os ombros.

— Não se pode dizer que os Wildes não estejam familiarizados com escândalos.

— Sentirei a falta dela — comentou a tia, parando ao fundo da escadaria da ala das crianças. — Era uma criatura tão taciturna quando a trouxeste cá pela primeira vez que desconfie da tua sensatez ao escolhê-la, mas agora consegue fazer-me rir o serão todo. Pelo menos, nas ocasiões em que a convenço a jantar comigo.

Para surpresa de North, a tia parecia-lhe solitária. Imaginava sempre a tia Knowe atarefada, no castelo cheio de convidados.

— O meu pai e a minha madrasta têm passado a maior parte do tempo em Londres?

— A Câmara dos Lordes e a guerra — respondeu ela com um suspiro. — Além disso, a querida Ophelia tem de encontrar maridos para as raparigas. A Betsy está no processo de tomar Londres

de assalto, mas franze o nariz a todas as propostas. A Ophelia sente imenso a falta da Artie.

— Porque é que não a leva para Londres?

— Eu nunca te levei para Londres quando eras pequeno, pois não? As crianças não se desenvolvem bem no meio da poeira do carvão. A segunda duquesa do teu pai levou a Joan para Londres, e a pobre bebé contraiu uma doença nos brônquios ao fim de uma semana.

— Porque é que ela levou a Joan para Londres? Não me lembro sequer de ver essa duquesa no quarto das crianças.

A segunda duquesa do pai fora uma mulher fértil — dera-lhe quatro filhos em seis anos — e adúltera. Fugira com um conde prussiano pouco depois do nascimento de Joan, e o parlamento proporcionara ao duque um divórcio invulgarmente célere.

— A Joan é a mais nova, e tem uma aparência eslava — disse a tia secamente. — Desconfio que a mãe queria levá-la para o estrangeiro, mas a Joan teve a sorte de ficar com tosse e desatar a berrar noite e dia, pelo que a mãe despachou-a para o castelo.

— Isso é terrível! — comentou North, abalado. Teria sido devastador para todos se Joan tivesse sido afastada da família.

— O teu pai teria ido atrás dela — retorquiu a tia Knowe. — Ele nunca teria permitido que uma das suas filhas fosse levada para o continente por uma mãe que, por vezes, nem se conseguia lembrar do nome dela.

— Mas a Joan não é filha dele? — perguntou North, sem perceber bem como tinham ido parar àquele assunto.

— O que estou a dizer é que criar um filho não tem nada que ver com o sangue. O meu irmão é pai da Joan, e só isso conta.

— Percebo.

Tinham chegado à porta do quarto da tia; ela apertou-lhe o braço antes de retirar a mão.

— O pobre Boodle definhou como uma jovem leiteira de coração partido enquanto estiveste fora. Está na hora de te entregares nas suas mãos.

North gemeu. Vivera bastante bem no exército sem o auxílio de um criado.

— Admira-me que não tenha arranjado outro trabalho.

— O teu pai precisava de um criado, e, naturalmente, o Boodle apreciava a importância de servir um duque. Mas tu és a sua obra-prima — disse-lhe a tia. — No momento em que soube do teu regresso, arranjou outro criado para o teu pai. Na sua opinião, tu contrataste-o para te levar ao auge da sofisticação, e ele sonha com a glória futura.

— Isto não vai acabar bem — comentou North.

— Ele reuniu uma coleção de estampas de cortesãos franceses e fica a admirá-las como se fossem a galinha dos ovos de ouro — disse a tia. — Espero ver-te resplandecente dos pés à cabeça dentro de poucas horas. — North não respondeu, e ela soltou uma risada. — Como é que o meu pai costumava dizer? Ah, sim: «A distância confere encanto.» Acho que se referia à companhia feminina, mas aplica-se também aos valetes e aos seus amos. Pobre Boodle, esqueceu-se de que consegue ser teimoso como uma mula.

— Nenhum homem é um herói para o seu criado de quarto — comentou North secamente, recorrendo a um provérbio seu. — Caso ele se tenha esquecido, não tardará a lembrar-se.

Lady Knowe abriu a porta do quarto e deteve-se.

— Esqueci-me de perguntar! Suponho que tenhas visto o teu pai e a Ophelia antes de partires de Londres?

— Muito brevemente — respondeu North. Planeava passar algum tempo em Londres, mas o barulho roufenho da cidade ameaçara-lhe o pouco sono de que ainda conseguia desfrutar. — Voltarão com a família assim que puderem.

Os olhos perspicazes da tia examinaram-lhe o rosto, percebendo, sem dúvida, a sua incapacidade de ficar em Londres por mais de algumas horas. Limitou-se a dizer:

— Enquanto não chegarem, tomaremos as refeições na sala de jantar pequena.

Ele fez uma vénia, mas ela trocou a cortesia por um beijo e segurou-o mais tempo do que o exigido pela etiqueta.

— Estou feliz por estares em casa, querido — disse-lhe numa voz rouca. — Tivemos tantas saudades tuas!

O quarto de North ficava noutra ala. O castelo de Lindow começara como uma fortaleza medieval, mas vários duques haviam deixado a sua marca, acrescentando uma torre aqui ou uma ala acolá... Agora o edifício era uma estranha manta de retalhos.

Quando era pequeno, North passara anos a desenhar e a redesenhar uma mansão rural clara e arejada, com casas de banho e quartos de vestir contíguos aos de dormir e uma ala de crianças no cimo de uma escadaria. Focado nestes sonhos arquitetónicos, entregara o dinheiro herdado da mãe ao seu amigo de infância, Parth Sterling, que triplicara o seu valor.

Tinha dinheiro para construir outro castelo, se o desejasse.

Porém, aos 23 anos, tornara-se herdeiro do duque, e um dia aquele castelo seria seu. O máximo que poderia fazer era acrescentar um torreão a uma estrutura que, na sua opinião, já tinha três a mais. Abriu a porta do seu quarto com mais força do que seria necessário.

— Ora aí está, meu senhor! — exclamou Boodle.

O valete era um homem alto e magro, empoadado, de sobrançelas arrançadas e com peruca. Encontrava-se ao lado de uma banheira de água fumegante, aromatizada com bergamota. Utensílios para a barba estavam dispostos sobre uma toalha. Uma casa-ca amarelo-torrada bordada com cerejas e umas calças a condizer

encontravam-se perfeitamente estendidas na cama. O colete era de seda, adornado com uma trança cor de cereja, e os punhos com folhos de renda roçar-lhe-iam os nós dos dedos. Três plastrões engomados aguardavam-no, para o caso de as primeiras duas opções não serem inteiramente satisfatórias.

North parou junto da porta, coçando o queixo, com barba de um dia.

— Vamos, meu senhor! — exclamou Boodle, gesticulando. — Não temos tempo a perder. Lady Knowe ficará aborrecida se a refeição se atrasar mais do que duas horas, e tenho o desafio da minha vida diante de mim. — Vibrava com o entusiasmo de um homem a enfrentar uma batalha feroz.

North não.

«Eloisa James eleva o romance histórico a um novo patamar com a sua escrita elegante e a sua capacidade de juntar na perfeição sensualidade e sentido de humor.»

### BOOKLIST



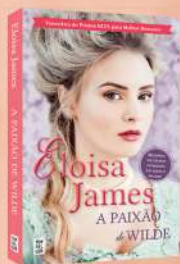
Lorde Rolan Northbridge Wilde, mais conhecido por North, deixou Inglaterra para combater nas colónias depois de ter sido abandonado pela sua noiva, Diana Belgrave. Ao regressar a casa dois anos depois, descobre que Diana está a trabalhar como preceptora no castelo da sua família e que trouxe consigo uma criança que todos pensam ser dele.

Diana nunca teve intenção de manchar a reputação de North, mas, desesperada por salvar uma criança indefesa, não pensou nas consequências de trabalhar naquele castelo. Agora todos tiraram as piores conclusões, e Diana lamenta a sua decisão.

Quando Diana percebe que North ainda gosta dela, tem de lutar para não o voltar a magoar, pois continua a não ter intenção de casar. Só que North regressou da guerra mais forte e está determinado a vencer esta batalha. North deseja Diana. Mas será que é capaz de arriscar tudo para reclamá-la como sua?



LEIA TAMBÉM:



<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-63-8  9 789898 917638 Ficção Romântica
--	--